

O Poder do Círculo de Mulheres

Heloísa Monteiro de Moura Esteves

Em um determinado momento de minha trajetória, comecei a perceber a poderosa energia que se forma quando um grupo de mulheres se senta em círculo. Particpei, nos últimos anos, na minha frenética busca das respostas aos desafios que se me apresentavam, de muitas vivências em que os participantes – na maioria das vezes exclusivamente mulheres – se sentavam em círculos, no chão, formando uma verdadeira roda de cura. Aos poucos, pude observar quão poderosa é a energia manipulada quando se trabalha nesta formação. No círculo não há hierarquia, todos são iguais. O fluxo da energia fica livre, flui com estranha leveza, impregnando todos os integrantes. O círculo lembra o sol e também a lua. Lembra os seios, as curvas do corpo da mulher, o redondo feminino, as parábolas, as ondulações que se formam quando uma pedra é arremessada em um lago... O círculo nos remete à nossa ancestralidade, trazendo a lembrança dos povos primitivos, dos índios, dos xamãs... O círculo nos tira do tempo linear, cartesiano e nos envolve nas curvas dos mantos, nos remete às entrelinhas, nos abre possibilidades, nos desvela e nos revela segredos. O círculo é mágico, nos evoca recordações da infância, *ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar, vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar... Oh! Eu entrei na roda, oh! Eu entrei na contradança, eu não sei como se dança, eu não sei dançar...*

Certo dia, Magui, amiga querida que vive na Serra da Moeda e que conduziu várias rodas de cura das quais particpei, me falou sobre o livro *O Milionésimo Círculo*, de Jean Shinoda Bolen¹, me recomendando que não deixasse de ler a preciosa obra. Saí de sua casa com um exemplar emprestado e, em algumas poucas horas, encantada, terminei a leitura.

Quando, algum tempo depois, comecei a me permitir sair do tempo cartesiano, lógico, linear, construído pelo patriarcado que vem dominando o mundo de maneira doentia e decidi abrir um espaço para, ao lado de minha carreira na área jurídica, desenvolver um trabalho transformador com mulheres, tive

¹ BOLEN, Jean Shinoda. *O Milionésimo Círculo – Como transformar a nós mesmas e ao mundo. Um guia para Círculos de Mulheres*, São Paulo: TRIOM e TAYGETA, 2003.

certeza de que deveria estar conectada com a energia dos diversos círculos de mulheres espalhados pelo mundo, cujo poder de transformação fora tão bem acentuado pela psicanalista americana.

De fato, Jean Shinoda Bolen, analista junguiana, ao escrever *O Milionésimo Círculo*, nos conclama a acreditar na incrível força criada pela união de vários grupos formados por mulheres, força esta tão necessária para trazer uma nova consciência para as pessoas do terceiro milênio.

A autora faz suas ponderações a partir da história *O Centésimo Macaco*. Segundo relata, há cerca de 30 anos, cientistas observavam macaquinhos em ilhas do Japão. A ideia era atraí-los com batata doce para que descessem das árvores e se posicionassem em locais onde pudessem ser melhor analisados. Um dia, uma macaquinha chamada Imo resolveu lavar o alimento no mar antes de comê-lo. Como a experiência foi bem sucedida, ela ensinou aos outros como fazer. E a prática foi se difundindo até que todos os macacos daquela ilha passaram a lavar suas batatas antes de comê-las.

O mais interessante, porém, é que os cientistas observaram que, depois de algum tempo, todos os macacos das ilhas do Japão adotaram o hábito, ainda que não houvesse nenhuma comunicação entre as colônias.

A alegoria de *O Centésimo Macaco* escrita por Ken Keynes Jr² e baseada na Teoria do Campo Mórfico, do biólogo Rupert Sheldrake, comprova que quando um comportamento atinge seu número crítico, ele se torna um padrão para a espécie. Assim como funcionou com os macacos, nossa cultura pode mudar com a existência de um centésimo macaco.

É a partir daí que Jean Shinoda Bolen discorre sobre o tema em seu livro *O Milionésimo Círculo*, acentuando o potencial das mulheres (e homens interessados) em mudar nosso rumo ao criar um novo padrão para uma era pós-patriarcal. Para a autora, a guinada já começou.

A chave de transformação seriam os Círculos de Mulheres, encontros que fazem emergir a sabedoria coletiva de que precisamos agora, para que haja uma integração entre o *yin* que evoca a conexão com o sagrado feminino e a deusa e o *yang* (masculino) que tem dominado e desequilibrado as relações no patriarcado. De círculo em círculo, alcançaríamos um número específico (o milionésimo círculo) responsável pela mudança de padrão. Para o patriarcado mudar, precisamos unir essa sabedoria, que é materializada no Círculo de Mulheres.³

² Keynes Jr. Ken, *O Centésimo Macaco*, Círculo do Livro: São Paulo, 1991.

³ Oliveira, Manoella. Blog www.maistato.com.br, acesso em 07.06.2011.

Desde 2007, venho reunindo mulheres em círculos, na viagem coletiva rumo ao autoconhecimento e, em 2010, fiz a inscrição desta atividade no site do Milionésimo Círculo, que congrega atividades semelhantes que acontecem em todos os lugares do mundo. Afinal, não se sabe ao certo quando teremos mil círculos de cura, por isso é preciso registrar naquele espaço sagrado cada novo círculo que se forma, inspirado no desejo de mudar as consciências, através de uma silenciosa revolução das mulheres, contaminando todo o planeta.

Meu trabalho acontece gradativamente. As mulheres vão chegando para os encontros, sentam-se em círculo no chão, formando uma linda ciranda. No centro da roda, são colocadas flores, uma vela, frutas, incenso, a imagem de Nossa Senhora ou de alguma santa ou deusa pagã. No círculo, as mulheres resgatam a cumplicidade perdida, choram e se emocionam, falam de suas dores e de seus medos, dão risadas, contam seus sonhos, às vezes parecem meninas na pré-escola, fazendo seus desenhos e guirlandas de maneira divertida e lúdica. As mulheres entendem que estão num espaço sagrado, onde não existe censura e nem crítica. A energia de acolhimento acessada em cada encontro permanece com as participantes quando o trabalho se encerra e é frequente o relato de várias delas terem sentido a presença do círculo sagrado ao longo do mês.

Mirella Faur, precursora no trabalho com círculos sagrados para mulheres no Brasil, adverte que *o poder criado por um grupo de mulheres meditando é maior do que a soma das energias individuais, devido à ressonância criada dentro de um círculo pela visualização de uma única imagem ou intenção*⁴. Não é de causar espanto, assim, que as participantes dos círculos consigam permanecer com a poderosa energia acessada no último encontro, ao longo de grande período de tempo sem se encontrarem no plano físico.

A força do círculo surpreende quem dele participa. Ele tem o condão de acolher, para fazer uma grande alquimia e permitir que suas integrantes possam alçar novos vãos com segurança e sabedoria. Com efeito, a mesma terapeuta ressalta, ainda, que *o círculo é o mais antigo e sagrado símbolo. Vários mitos da cosmogênese mencionam o útero primordial, o ovo cósmico, o ventre da Terra, a roda sagrada. Os povos antigos reconheciam e reverenciavam o círculo como a representação da unidade e da perfeição da Fonte Criadora. As culturas matrifocais e tribais construíram suas casas e templos com formas redondas ou semi-esféricas. Os vasos ritualísticos, aslareiras, os túmulos, os círculos de menires, as comunidades, as rodas sagradas, as danças seguiam a forma circular. Os termos sânscritos mandala*

⁴ FAUR, Mirella. O Legado da Deusa, Record: Rosa dos Tempos: Rio de Janeiro, 2003, p. 62.

*(desenho simbólico circular) e chakra (centro de recebimento e distribuição de energia no corpo), o mapa astrológico, a roda das encarnações, a representação do Sol, da Lua, da Terra, dos ciclos de tempo reforçam o simbolismo sagrado e eterno do círculo*⁵

Jean Shinoda Bolen observa que o círculo *é um princípio e também uma forma. Ele age contra a ordem social, a compartimentação superior/inferior, a hierarquia que compara uma mulher às outras. Sentada em um Círculo, cada mulher tem uma posição espacial que é igual a cada outra no Círculo. Ela assume sua vez e o Círculo gira, ela fala e é ouvida*⁶. De fato, nos círculos de mulheres não há hierarquia, conquanto seja necessário existir a mulher focalizadora, responsável pelo desenvolvimento e condução dos encontros.

Costumo orientar as mulheres que tem participado dos círculos comigo a visualizarem um fogo sagrado no centro da roda, fixando o olhar neste ponto. Tudo aquilo que precisa ser transmutado deve ser enviado para este fogo sagrado, a fim de que a alquimia aconteça, as chamas do fogo cresçam e emitam energia renovada e de força para as participantes do encontro. Vejo o círculo como um grande caldeirão alquímico, capaz de reunir e reciclar energias, fazendo limpezas e expurgos e fortalecendo cada integrante do grupo. Shinoda Bolen acentua que a conexão com o centro é sentida intuitivamente, de maneira subjetiva. Ela compara o círculo a uma roda de bicicleta e *adverte que cada mulher se conecta com o seu próprio centro e com o centro do Círculo e percebe-se tanto como um raio da roda, quanto como o aro. Uma parte invisível da roda, conectada com todas as outras do Círculo através do centro.*⁷ Seja como for, a sensação experimentada por pertencer a um círculo de mulheres é reconfortante, algo acolhedor e, ao mesmo tempo, de muita força. Que o círculo, presente no início da vida na Terra, na natureza e no corpo feminino, possa atuar como instrumento de cura, ajudando a movimentar e a ancorar a energia necessária ao grande salto que se anseia nos novos tempos.

⁵ FAUR, Mirella, op.cit.,p.76

⁶ BOLEN, Jean Shinoda, op. cit. p.

⁷ Idem. p.